



# ***O corpus da arte da Pré-história Recente do vale do Côa***

Mário Reis | Lara Bacelar Alves

Num projecto dedicado ao estudo da arte rupestre pré-histórica pós-paleolítica do vale do Côa, no âmbito temporal menos abundante no imenso complexo da arte do Côa mas também pouco estudado face às cronologias mais presentes e mediáticas, nomeadamente a paleolítica, impunha-se realizar uma revisão cuidadosa das rochas já conhecidas. Numa arte em que se mesclam elementos gravados e pintados, estes últimos mereceram maior atenção neste projecto – por serem mais abundantes, mais diversos, levantando mais interrogações e, também, por estarem menos estudados previamente e por a sua revisão prometer novidades, pela aplicação de novos métodos digitais de levantamento anteriormente indisponíveis nos primeiros desenhos de rochas pintadas do PAVC.

Após as tentativas no projecto Art-FACTS, antecessor deste, de desenhar pelo tradicional levantamento directo com plástico transparente alguns dos painéis pintados do Côa,

metodologia de problemática aplicação e pouco fiável para motivos muito apagados e, por vezes, cobertos por crostas naturais, no **LandCRAFT** decidimos que os levantamentos seriam feitos através de fotografia de alta resolução, geralmente com luz artificial de flashes sincronizados.

Os painéis pintados no seu todo, e os diferentes conjuntos de pinturas, foram cuidadosamente fotografados, quase sempre em composições de múltiplas fotografias parcialmente sobrepostas, posteriormente fundidas digitalmente numa única ortofotografia, obtendo-se assim imagens de áreas amplas com elevada resolução. O tratamento com o *plugin* digital DStretch realça as figuras pintadas em cada imagem, permitindo uma mais cabal interpretação de cada conjunto pintado, e permitindo também a melhoria, por vezes drástica, das prévias interpretações de painéis pintados anteriormente estudados.

Fig. 1 (página ao lado) - Antes do LandCRAFT, no projecto Art-FACTS que o antecedeu, defrontamo-nos com as complexidades técnicas de levantar fielmente pinturas muito apagadas. À esquerda, Lara Bacelar tenta levantar directamente, em plástico transparente, o painel 1 das Lapas Cabreiras, na fase inicial destes trabalhos e antes de concluirmos pela inoperabilidade deste método para um levantamento fiável. As miras colocadas na superfície pretendiam já fazer a conexão com a fotografia de alta resolução, cujas primeiras tentativas vemos à direita, no mesmo painel (fotografias de Mário Reis e Lara Bacelar Alves).





Fig. 2 (em cima) - Por vezes, é importante analisar as condições da superfície e como interagem com a conservação e perceptibilidade dos motivos pintados, podendo, por vezes, levar a intervenções prévias aos levantamentos. À esquerda, Lara Bacelar Alves e Vera Caetano observam líquenes negros e crostas minerais no painel 4 da rocha 2 do Ervideiro, que parcialmente escondem vestígios de pintura. À direita, Bárbara Carvalho e Vera Caetano limpam cuidadosamente a superfície do painel G da rocha 3 de Vale de Figueira, parcialmente oculta pela recorrente deposição sedimentar das recentes cheias do Côa, potenciadas pela enseadeira da ex-barragem do Côa (fotografias de Mário Reis).

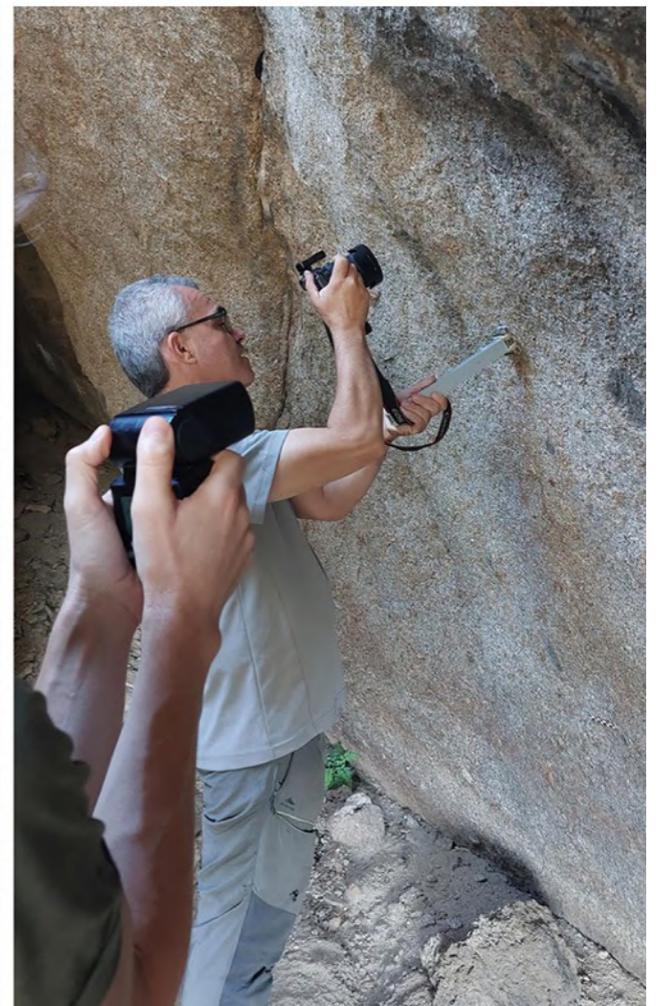
Fig. 3 (página seguinte) - Em várias rochas, as pinturas podem estar em posições incómodas ou de difícil acesso, ocasionalmente até perigoso. Em cima, Vera Caetano alça-se ao sector esquerdo do painel 1 das Lapas Cabreiras, e Lara Bacelar Alves observa o painel 5 do mesmo sítio. Em baixo, Vera Caetano analisa a mancha pintada (?) na rocha do Gamoal, numa posição imediatamente sobranceira à elevada falésia que a Ribeirinha faz na transição geológica de granitos para xistos. Note-se a espectacularidade paisagística da localização (fotografias de Mário Reis).





Fig. 4 (ao lado) - Paisagens grandiosas associam-se frequentemente à pintura pré-histórica no Côa, em diferentes geomorfologias, mas com algum destaque para as zonas graníticas, com destaque para os sítios da Faia, Ervideiro ou Lapas Cabreiras. Em cima, Bárbara Carvalho e Vera Caetano na rocha 1 da Faia. Em baixo, Vera Caetano e Lara Bacelar Alves observam a superfície da rocha 6 da Faia, enquanto Bárbara Carvalho olha na direcção contrária, prestes a descobrir uma nova rocha gravada paleolítica neste sítio, assinalada pela seta (fotografias de Mário Reis).

Fig. 5 (página seguinte) - Diferentes formas de fotografar superfícies pintadas. Em cima à esquerda, fotografia com dois flashes sincronizados: à esquerda no Poço Torto, com Bárbara Carvalho, e à direita na rocha 2 do Ervideiro (rocha Andrea Martins), com Lara Bacelar Alves (fotogramas de vídeos de Vera Caetano). Em baixo à esquerda, fotografia distanciada com tripé e teleobjectiva do painel 1 das Lapas Cabreiras (assinalado pela seta), método fiável para painéis pouco acessíveis (fotografia de Lara Bacelar Alves). Em baixo à direita, uma adaptação à necessidade de cobrir áreas amplas com um mosaico de fotografias de grande resolução e proximidade à superfície, com um simples aparelho que permite facilmente controlar a distância à superfície (fotografia de Elisa Guerra Doce, num abrigo perto de Ávila).



Obtidas as imagens – de rochas, de painéis, de conjuntos de pinturas, de motivos individuais – a fase seguinte consiste em registar adequadamente as pinturas, não pelo tradicional método de desenhar graficamente o seu contorno, mas procurando “extrair” digitalmente cada figura da sua imagem base, obtendo registos e ficheiros individuais, motivo a motivo. Para isso recorreu-se a um protocolo digital por nós desenvolvido (e que, com a restante metodologia,

pretendemos publicar com maior detalhe), sem pretensões de ser inédito ou inovador, recorrendo a ferramentas simples de programas bem conhecidos, como Photoshop e Illustrator, para além do DStretch. Uma vez o motivo vectorialmente individualizado, pode ser “recolocado” no seu lugar num levantamento gráfico da sua superfície rochosa, ou directamente sobre uma (orto)fotografia desta, mas agora mais realçado, mais visível e compreensível.

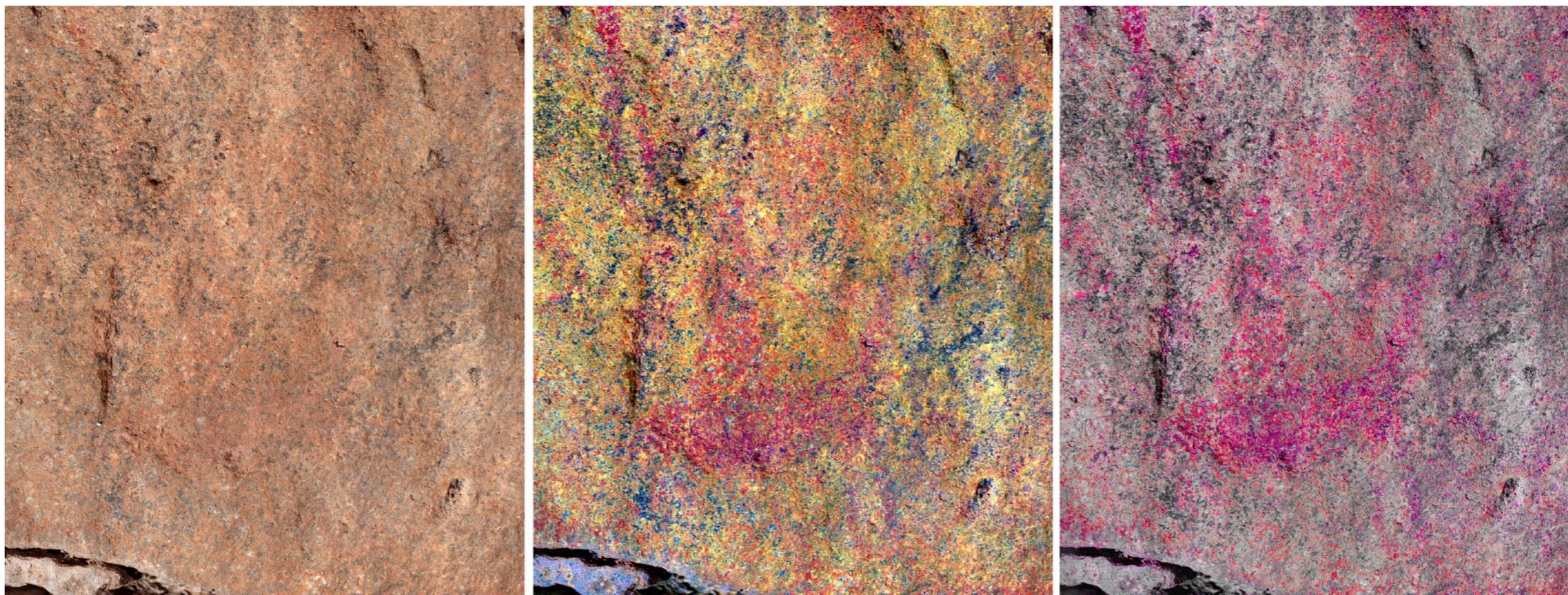
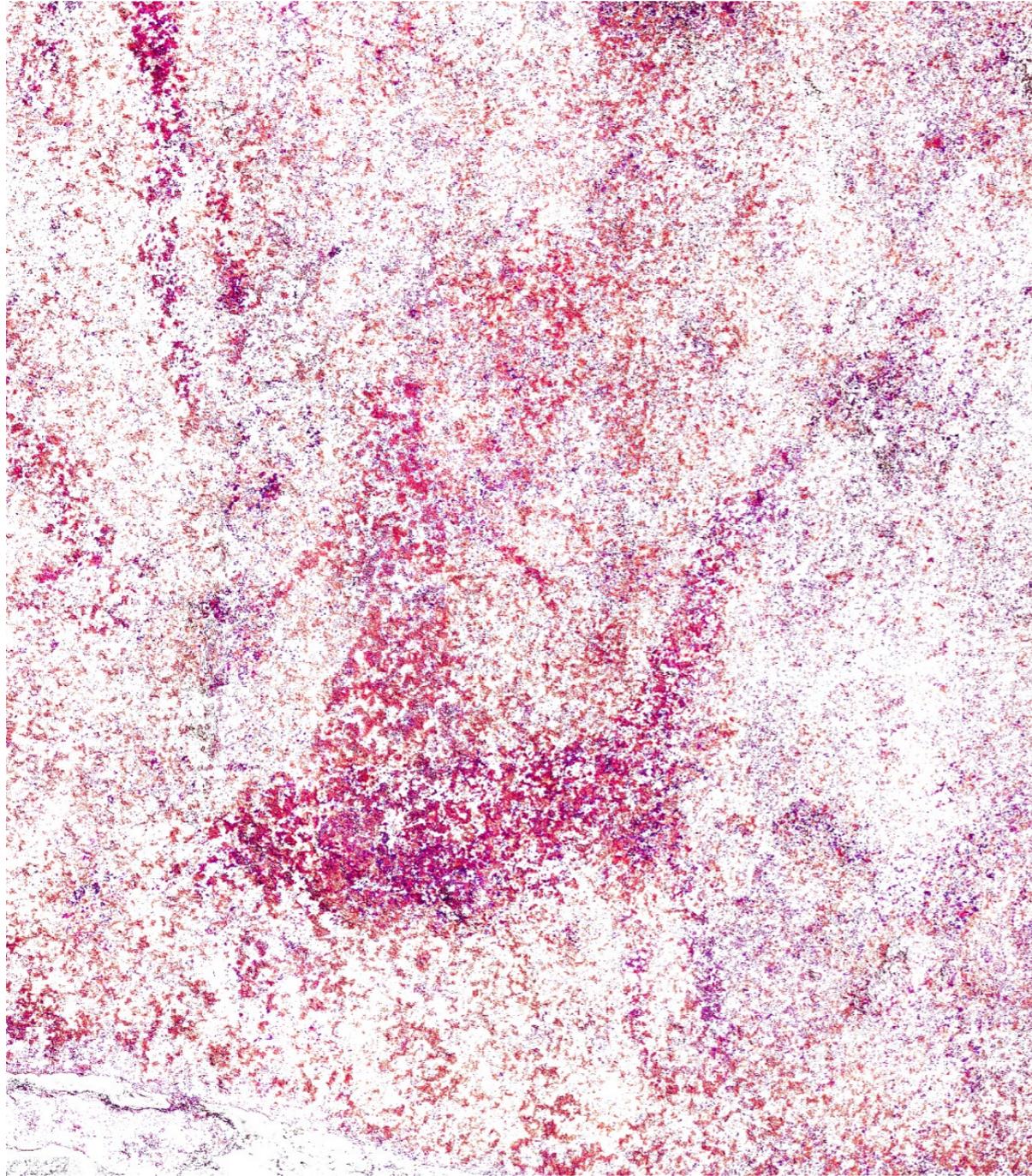


Fig. 6 - Início do processo de tratamento digital de fotografia para levantamento de motivos pintados, aplicado a duas figuras da rocha 1 do Ervideiro. À esquerda, a fotografia original. Ao centro, a respectiva imagem após a aplicação de um filtro DStretch (no caso, o filtro lds). À direita, a imagem DStretch após a retirada em Photoshop da saturação de cores que não interessam (amarelos, verdes, azuis, cianos), de forma a salientar o vermelho da pintura (fotografia de Mário Reis).



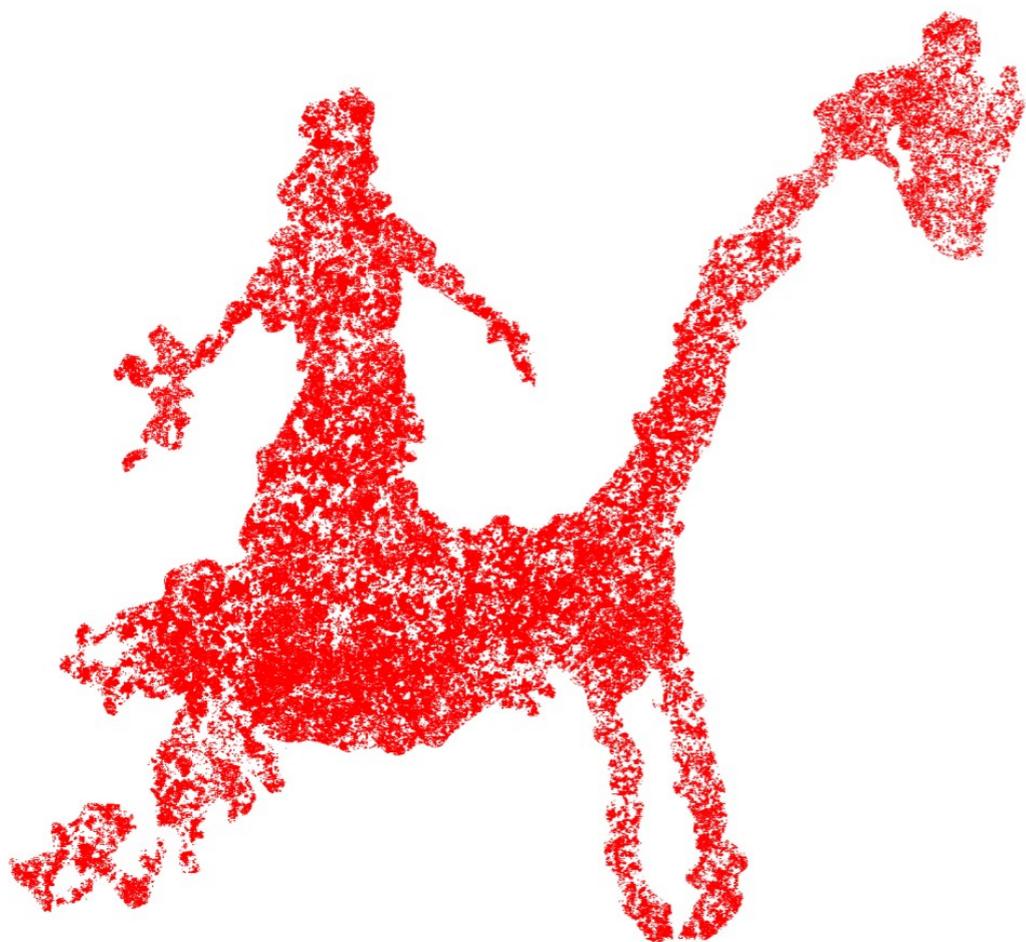
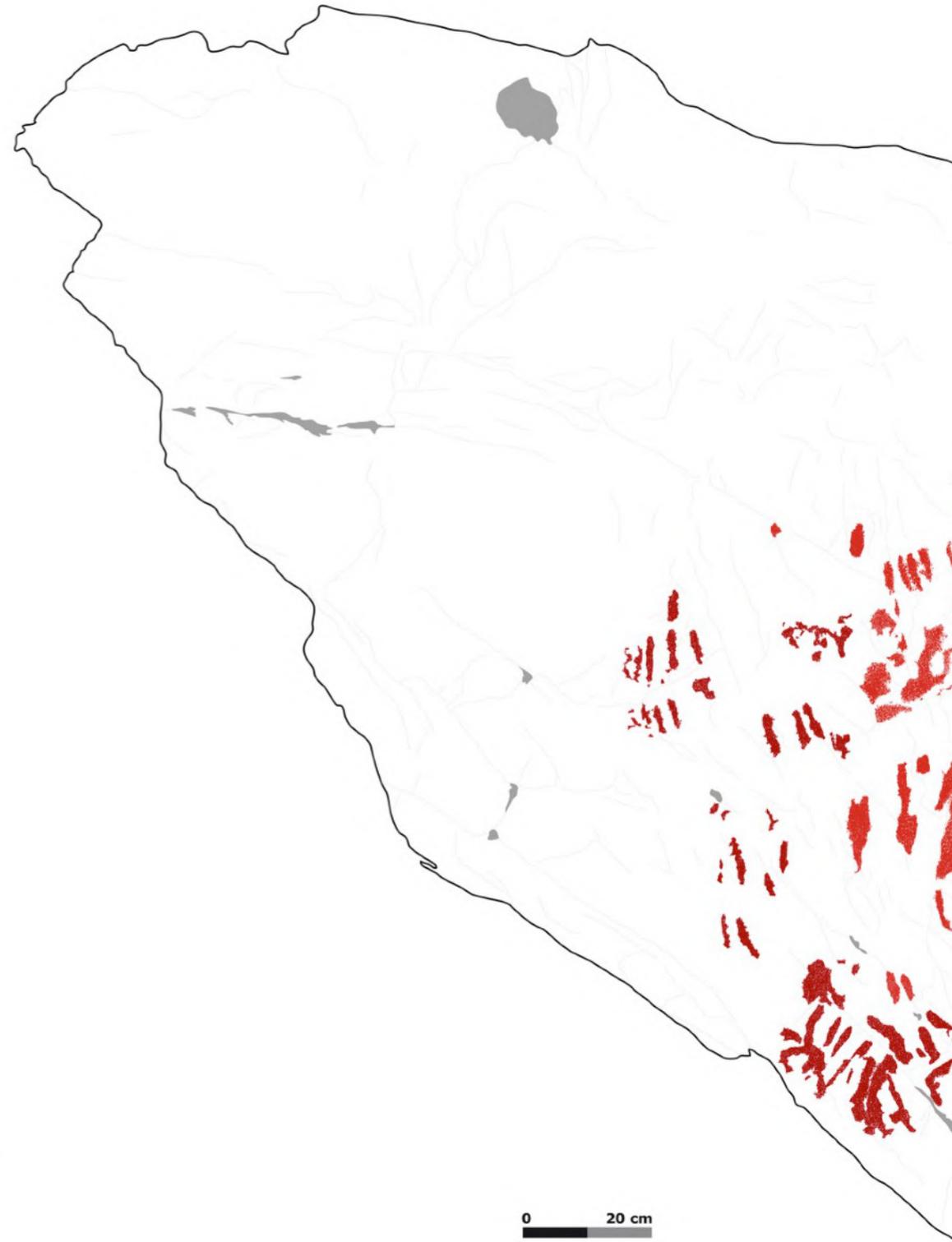


Fig. 7 - Continuando o processo anterior no programa Photoshop, à esquerda, com a aplicação da “varinha mágica”, seleciona-se na imagem os motivos pintados, obtendo-se o que chamamos de “imagem fotorealista primária”. Ao centro, procede-se à eliminação de todos os elementos que se considere que não integram as figuras em apreciação, e que tanto podem pertencer à superfície da rocha como a outras figuras pintadas, obtendo-se uma “imagem fotorealista”. Por fim, à direita, unifica-se a cor dos motivos, escolhendo uma que se aproxime do original, obtendo-se uma “imagem de cor unificada”. Estas duas últimas figuras podem ser exportadas em formato vectorial, para serem integradas no desenho geral da rocha ou do painel em que se encontram.



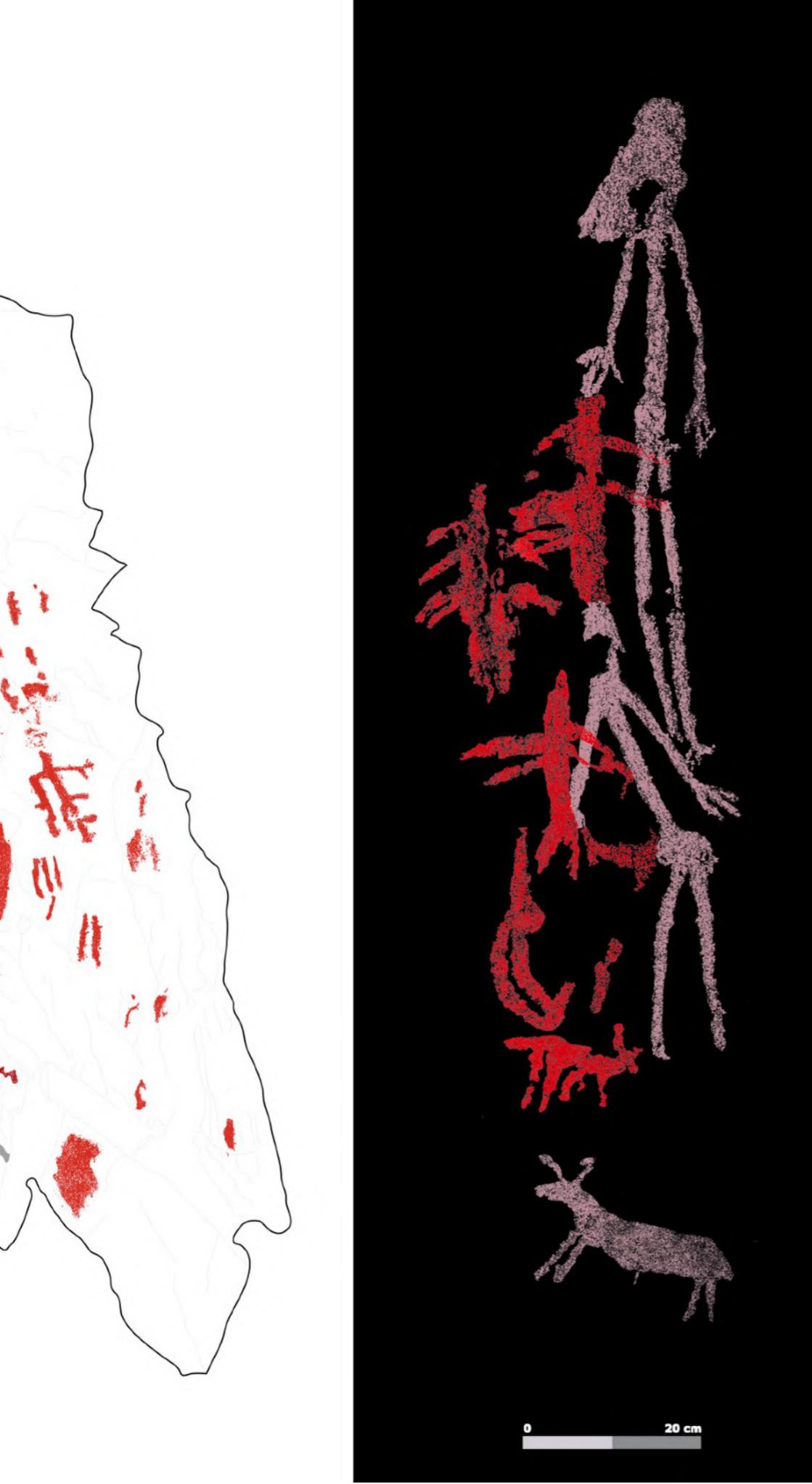


Fig. 8 - Diferentes modos de apresentação do levantamento de figuras pintadas. À esquerda, as figuras individuais colocadas à escala em cima de uma fotografia da superfície (painel 2 do abrigo 3 do Colmeal). Ao centro, desenho convencional, como no exemplo anterior mas com o painel desenhado a partir de fotografia (painel 2 do abrigo da Ribeirinha). À direita, o desenho limita-se às próprias figuras, à escala e na relação correcta umas com as outras, com cores diferentes segundo determinados critérios (painel 2 da rocha 2 do Ervideiro – rocha Andrea Martins).



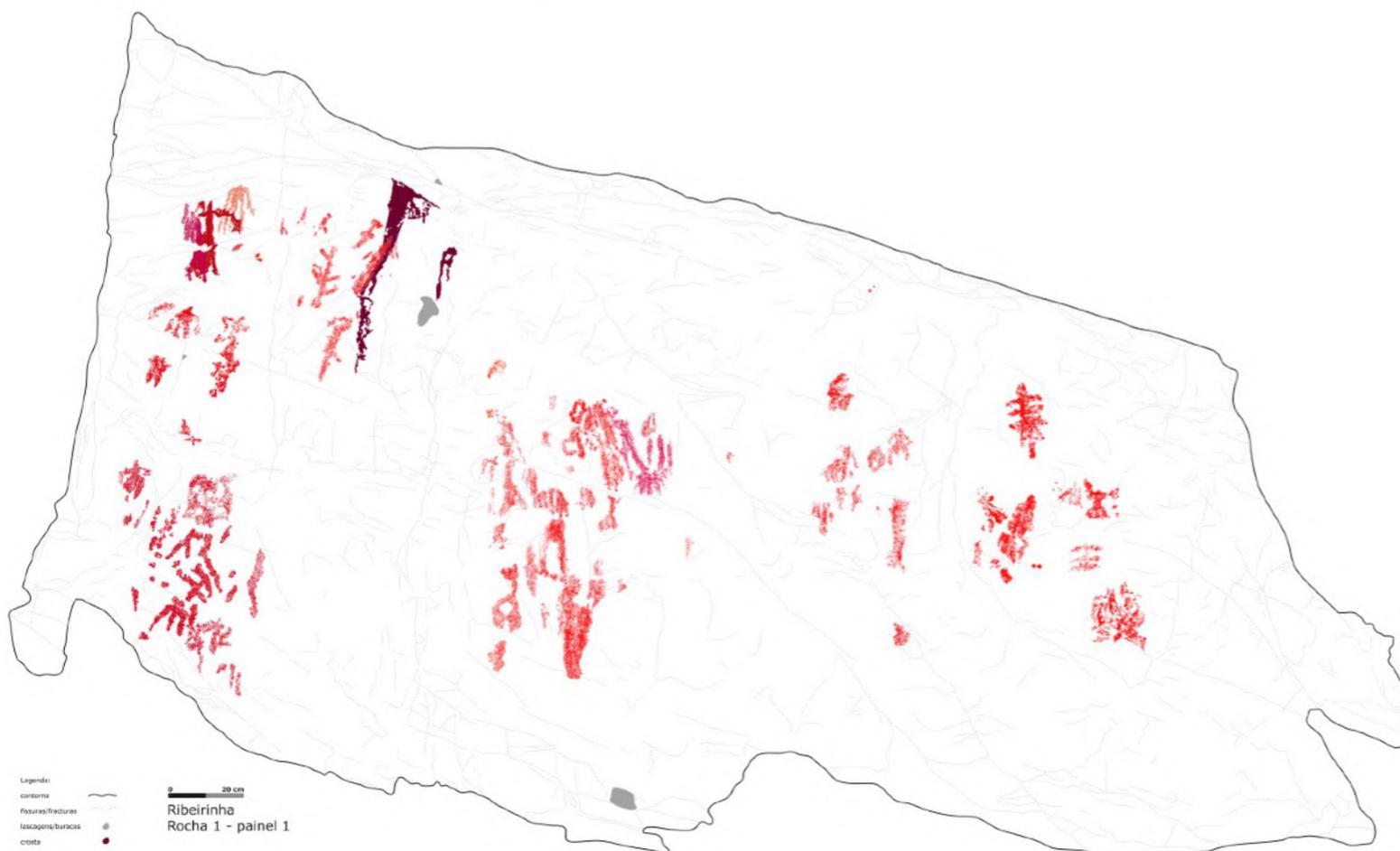
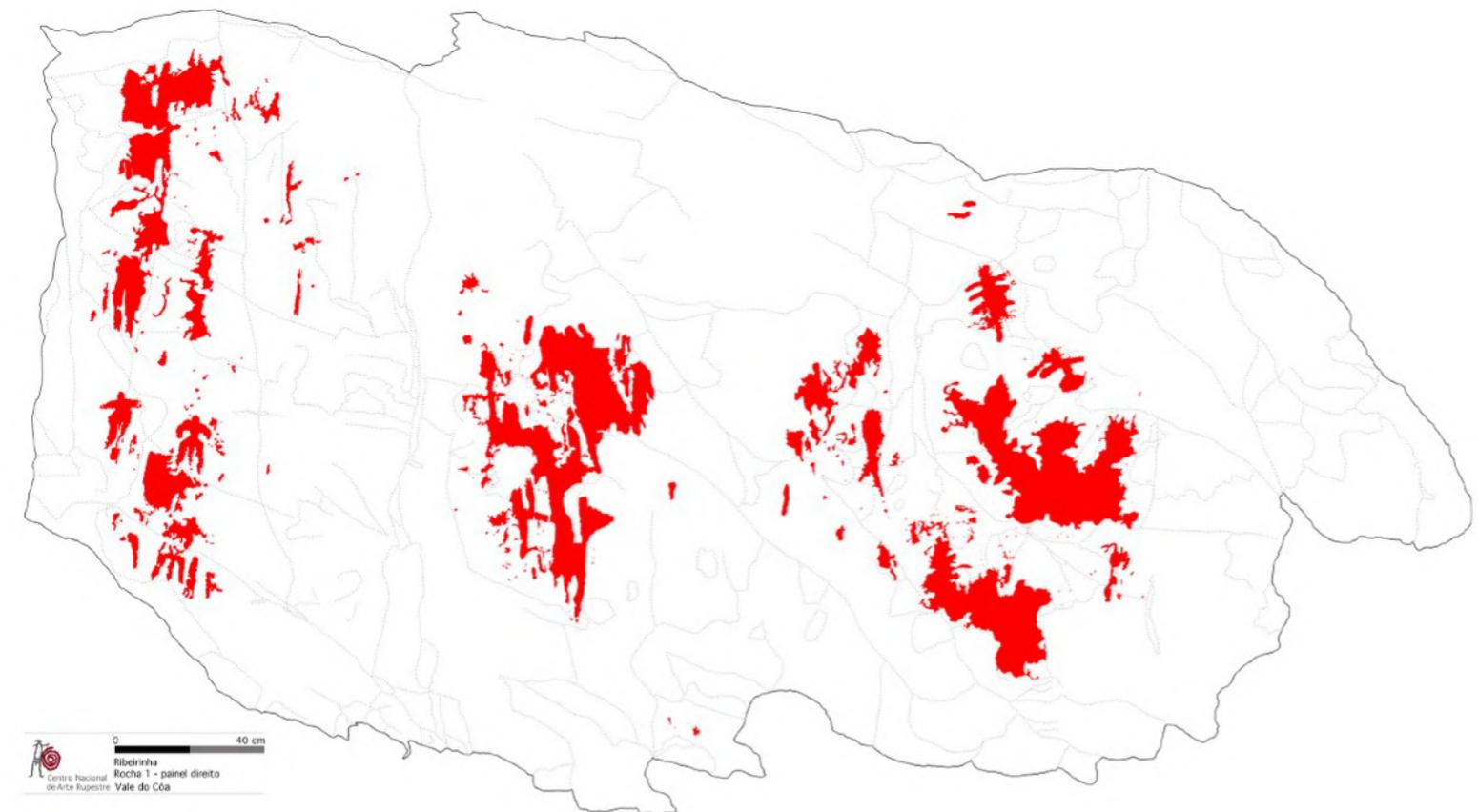


Fig. 9 (página ao lado) - Numa imagem sequencial já apresentada várias vezes, o painel 1 das Lapas Cabreiras, sem e com o filtro DStretch, num trabalho realizado ainda no projecto Art-FACTS. O painel dividiu-se em três sectores (esquerdo, central e direito), cada qual fotografado em mosaico e coberto por dezenas de fotografias, posteriormente reunidas numa só ortofotografia. Por sua vez, aplicou-se o filtro DStretch a cada uma das fotografias dos mosaicos e fez-se de novo uma ortofotografia de cada sector, desta vez já filtrada, permitindo maior resolução e detalhe do que aplicar meramente o filtro DStretch às três ortofotografias inicialmente obtidas.

Fig. 10 (ao lado) - O painel 1 do abrigo da Ribeirinha tem grande dimensão e múltiplas figuras esquemáticas pintadas, num estado de conservação muito deficiente. Comparamos o primeiro levantamento deste painel (© Fundação Côa Parque), pela metodologia tradicional do plástico transparente, efectuado em 1995 por Mário Varela Gomes e Fernando Barbosa e ainda sem ajudas digitais, com o novo levantamento efectuado no projecto LandCRAFT, recorrendo a fotografia de alta resolução, com luz artificial de flashes laterais sincronizados, e com tratamento posterior com os filtros DStretch. Optamos por ignorar a maioria das manchas avermelhadas da superfície, pela impossibilidade de distinguir o natural do antrópico.



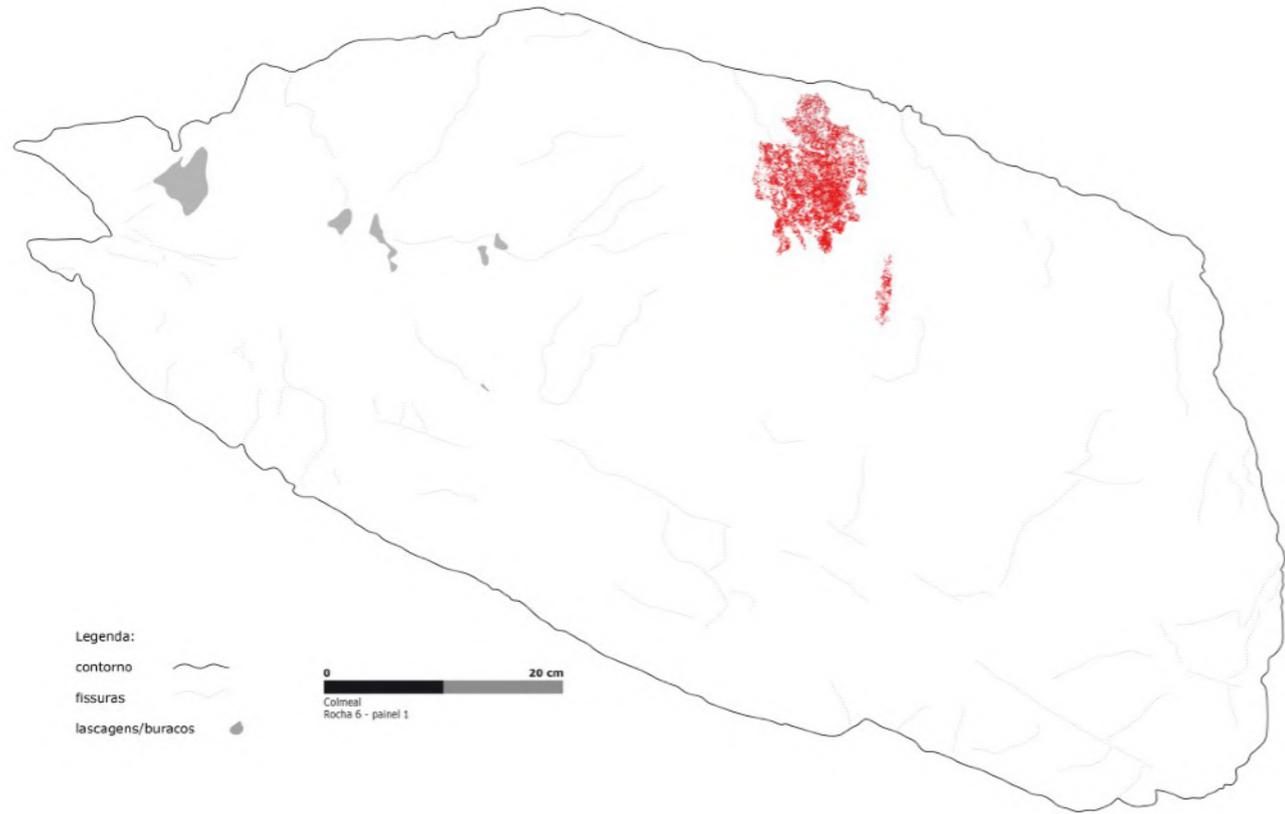


Fig. 11 - Painel 4 da rocha Andrea Martins, no sítio do Ervideiro. Onde à vista desarmada se reconhece apenas uma figura no canto inferior direito, o filtro DStretch revela um painel repleto de figuras, com a interpretação e levantamento feitos a clarificar o conjunto figurativo. Foi aqui que compreendemos claramente a existência de figuras pintadas na região não necessariamente desgastadas pelo tempo, mas sim ocultas e preservadas debaixo de crostas naturais. Foi também a primeira vez que nos apercebemos da relação particular de algumas figuras no Côa com a Arte Levantina espanhola, bem perceptível no trio familiar superior, integrável no chamado estilo "Centelles", até ao momento exclusivo da região levantina.



0 20 cm  
Colmeal  
Rocha 5 - painel 1

Legenda:  
contorno  
fissuras/fracturas  
lascagens/buracos



Legenda:  
contorno  
fissuras  
lascagens/buracos

0 20 cm  
Colmeal  
Rocha 6 - painel 1



Legenda:  
contorno  
fissuras  
lascagens/buracos

0 20 cm  
São Gabriel  
Rocha 5

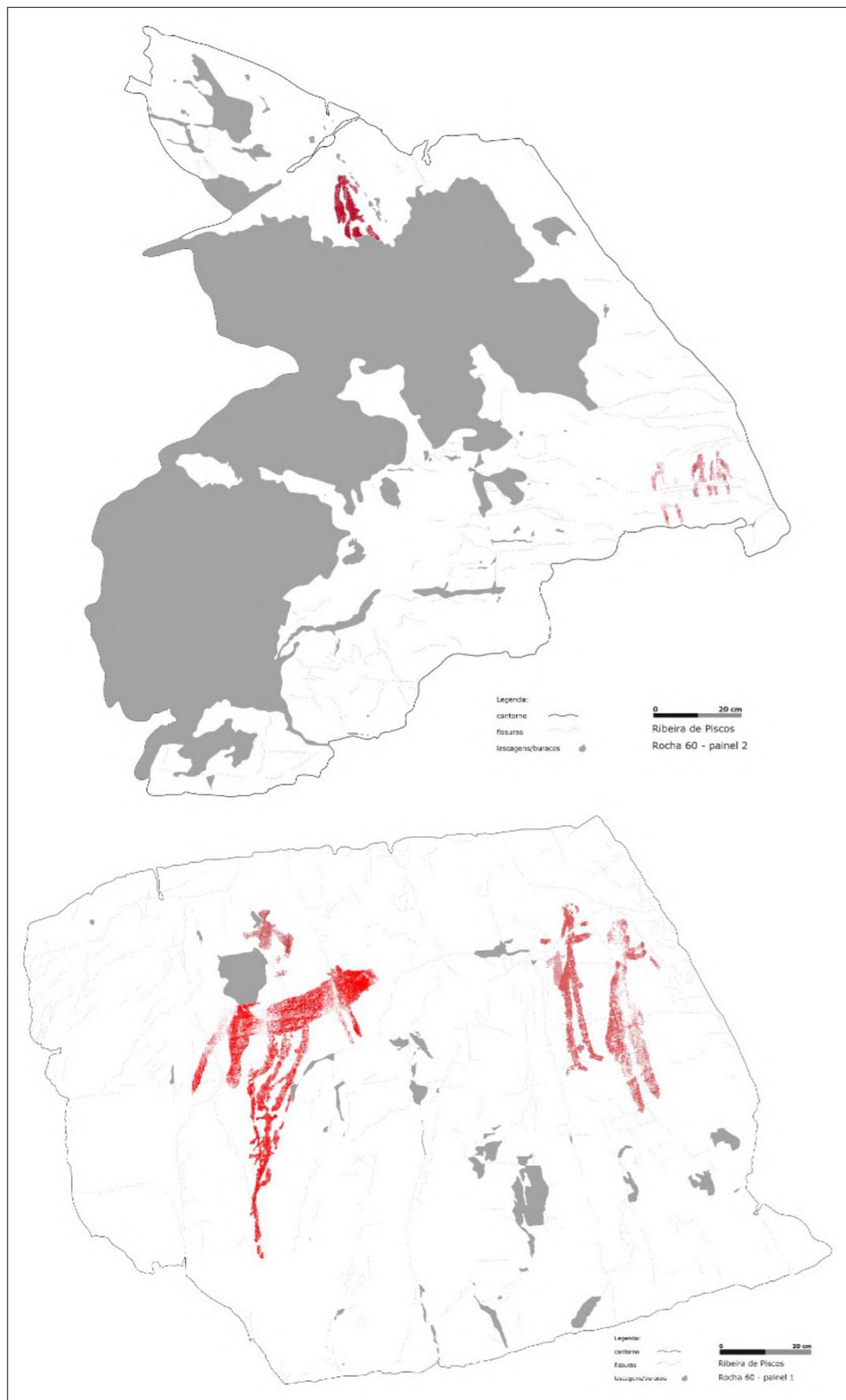


Fig. 12 (página anterior, à esquerda) - No importante sítio do Colmeal, maciço quartzítico onde a partir de 2004 se inventariou um importante conjunto de pintura esquemática, foram recentemente descobertos mais dois abrigos pintados, ambos de características inusuais. Em baixo, o algo disforme antropomorfo da rocha 6, em cima o peculiar conjunto abstracto da rocha 5.

Fig. 13 (página anterior, à direita) - A descoberta da rocha 5 de São Gabriel, também recente, constitui uma assinalável novidade, por se tratar de gravura esquemática em suporte quartzítico, uma rocha geralmente muito dura e onde normalmente não surgem gravuras pré-históricas. O suporte é também original, por se tratar de um bloco solto tombado e rolado de afloramentos a cotas mais elevadas. A composição consiste num par de antropomorfos de cornos, gravados por picotagem.

Fig. 14 (nesta página, ao lado) - Rocha 60 da Ribeira de Piscos, que veio trazer mais alguma luz sobre a evolução da arte do Côa na pré-história pós-paleolítica. Com alguns motivos pintados distribuídos por dois painéis distintos, o painel 2 (em cima) têm alguns antropomorfos esquemáticos, enquanto o painel 1 (em baixo), mais antigo, apresenta figuras subnaturalistas, enquadráveis no intervalo temporal entre o final do Paleolítico Superior e a Arte Esquemática. As figuras femininas têm características estilísticas que também remetem para ligações à Arte Levantina. A figura zoomórfica, possivelmente um lobo, poderá resultar de uma evolução estilística local a partir da arte do final do Paleolítico Superior.

Todo este processo de registo gráfico, bastante mais complexo e demorado do que a curta descrição atrás poderá fazer supor, se desenrolou ao longo de toda a vigência do **LandCRAFT**, encontrando-se neste momento quase concluído. Abrangeu um pouco mais de uma trintena de rochas, sobretudo pintadas, incluindo a revisão sistemática de todas as rochas pintadas previamente conhecidas, a que se juntaram mais algumas entretanto descobertas, no âmbito do projeto (como as novas rochas dos sítios do Colmeal, Vale de Videiro ou Ribeira de Piscos) ou em outros projectos de investigação paralelos, como o abrigo do Barrocal dos Lameiros e novas rochas no maciço de São Gabriel e também, de novo, na Ribeira de Piscos. Este estudo traduz-se num enorme acréscimo da informação disponível sobre a arte pré-histórica pós-paleolítica, que se pode mais claramente agora dividir em duas grandes fases, com uma Arte Subnaturalista, presumivelmente do Mesolítico, a preceder a mais bem conhecida Arte Esquemática do

Neolítico/Calcolítico. O acervo figurativo do Côa ficou agora bem mais rico, com a melhor compreensão de abrigos anteriormente pouco perceptíveis, de que o grande abrigo da Ribeirinha será o melhor exemplo, e também o do Poço Torto, entre outros, com a revelação de expressivas novas figuras, esquemáticas e, sobretudo, subnaturalistas, nos sítios do Ervideiro, Vale de Videiro ou Ribeira de Piscos, que se juntam às emblemáticas figuras pintadas da Faia para ocupar o seu lugar de direito na longa sequência artística do Vale do Côa.

Neste texto foram afloradas questões de métodos de trabalho e uma análise preliminar dos resultados obtidos. Para saber mais sobre a arte pós-glaciar no vale do Côa, sugere-se a consulta dos textos apresentados na página ao lado e a leitura de novas publicações que serão realizadas com o desenvolvimento do estudo deste *corpus* que o **LandCRAFT** foi constituindo ao longo dos últimos quatro anos.

# ALGUMA COR NUM FUNDO DE GRAVURA: PRINCIPAIS CONJUNTOS DA PINTURA PRÉ-HISTÓRICA DO VALE DO CÔA

Lara Bacelar Alves<sup>1</sup>, Andrea Martins<sup>2</sup>, Mário Reis<sup>3</sup>

## RESUMO

No Vale do Côa, a utilização da pintura em arte rupestre surge quantitativamente de forma muito reduzida e unicamente em tempos pré-históricos, face à predominância da gravura no decurso dos longos milénios em que signos e imagens foram sendo ali criados. Esta limitação quantitativa não se reflecte na sua relevância científica, como o presente texto procura demonstrar. No contexto de uma síntese sobre os principais conjuntos de pintura pré-histórica nesta região, que se podem dividir em três grupos principais, cronológica e culturalmente subsequentes, será trazida à estampa notícia preliminar de uma das mais surpreendentes revelações que o Vale do Côa guardou para o século XXI: a presença de composições pictóricas que denotam uma clara afinidade estilística com algumas manifestações de Arte Levantina.

**Palavras-chave:** Pintura rupestre; Vale do Côa; Paleolítico Superior; Arte Subnaturalista; Arte Esquemática.

## ABSTRACT

In the Côa Valley, rock paintings appear in small numbers and exclusively in Prehistory, contrasting with the sheer predominance of engravings created across the valley throughout the long millennia its rock art endures. This quantitative limitation does not reflect its scientific relevance, as this paper attempts to demonstrate. In this overview of the main assemblages of prehistoric paintings in the study area, divided into three chronologically and culturally subsequent groups, we shall address one of the most surprising revelations that the Côa Valley kept for the 21<sup>st</sup> century: the presence of painted compositions that denote clear stylistic similarities with expressions of Levantine Art.

**Keywords:** Rock art paintings; Côa Valley; Upper Palaeolithic; Subnaturalistic Art; Schematic Art.

## 1. INTRODUÇÃO

O Côa é conhecido, sobretudo, pela gravura rupestre. É certo que ainda hoje surge o incauto e distraído visitante a perguntar por “grutas e pinturas”, certamente com os clássicos modelos da arte paleolítica em mente. Mas a geomorfologia da região, com os omnipresentes painéis verticais de xisto plenamente expostos aos elementos, tendencialmente lisos e de suave textura, favoreceu, desde sempre, a realização de gravuras. Não surpreende assim que no complexo

rupestre do Côa, onde se conhecem neste momento<sup>4</sup> 1409 registos em 98 sítios, dos quais 1377 são afloramentos decorados (vulgo “rochas”), apenas em 32 registos se conheçam vestígios de pintura, com 31 rochas em 15 sítios, a que se juntam algumas peças da arte móvel do sítio do Fariseu. Ou seja, a pintura surge em apenas 2% dos registos da arte do Côa, e em 16% dos seus sítios de arte rupestre. O panorama é semelhante no tocante à contagem dos motivos, ainda provisória e em face de profunda revisão no âmbito do projecto LandCRAFT.<sup>5</sup> Contam-se, neste

1. CEAACP/FCT - FLUC / lara.b.alves@uc.pt

2. FCT / UNIARQ - FLUL / andrea.arte@gmail.com

3. Fundação Côa Parque - CEAACP/FCT / marioreis@arte-coa.pt

4. À data em que se escrevem estas linhas, Junho de 2023.

5. “LandCRAFT - os contextos sócio-culturais da arte da pré-história recente no vale do Côa”, é um projecto financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., com a referência COA/OVD/0055/2019.

# Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré- história Recente da região do Côa

Mário Reis<sup>a</sup>  
Lara Bacelar Alves<sup>b</sup>

a) Fundação Côa Parque. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, marioreis@arte-coa.pt

b) Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, lara.b.alves@uc.pt